

NUESTRA GENTE NOSSA LENTE

CINEJORNAL





Editora do Centro Universitário da Região da Campanha

Av. Tupy Silveira, 2099 CEP 96400-110 - Bagé - RS - Brasil

Telefone: (53) 3242-8244

E-mail: ediurcamp@urcamp.edu.br

Site: www.urcamp.edu.br

FAT - Fundação Áttila Taborda

Presidente:

Dra. Mônica L. Palomino de los Santos

URCAMP – Centro Universitário da Região da Campanha

Reitor:

Dr. Guilherme Cassão Marques Bragança

Pró-Reitor de Inovação, Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Dra. Paula Lemos Silveira

Pró-Reitora de Ensino

Dra. Ana Zilda Ceolin Colpo

Me. Marília Pereira, de A. Barbosa

Editor(a) chefe: Dra. Ana Cláudia Kalil Huber

Assessora Técnica: Esp. Maritza Silveira Martins

CONSELHO EDITORIAL

Ana Cláudia Kalil Huber, Dra. URCAMP

Ana Zilda Ceolin Colpo, Dra. URCAMP

Guilherme Cassão M. Bragança, Dr. URCAMP

Henry Gomes de Carvalho, Me. URCAMP

Marília Pereira de A. Barbosa, Me URCAMP

Mônica L. Palomino de los Santos, Dra. URCAMP

Sandro Moreira Tuerlinckx, Dr. URCAMP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R454 Revista do Cinejornal: nuestra gente, nossa lente. / Organizado por Glauber Pereira e Jeferson Vainer. - Bagé: Ediurcamp, 2026.
12p.

ISBN: 978-65-86471-67-0 (Físico)

1. Jornalismo - Cinejornal. 2. Festival Internacional de Cinema da Fronteira.
3. Curso de Jornalismo. 4. Centro Universitário da Região da Campanha
II. Pereira, Glauber (Org.). III. Vainer, Jeferson (Org.). IV. Título

CDD: 070

Catalogação elaborada pelo Sistema de Bibliotecas FAT / Urcamp
Bibliotecária Responsável: Maritza Silveira Martins CRB10/1741

O Cinema para além das grande telas

Por Maria Leonora Lehr

O Cinejornal é um grande evento para qualquer acadêmico de Jornalismo da Universidade da Região da Campanha (Urcamp), principalmente por representar um dos primeiros contatos diretos do estudante com a futura profissão. Com o objetivo de documentar os dias e acontecimentos do Festival Internacional de Cinema da Fronteira, o projeto cumpre sua função como patrimônio histórico imaterial para a Rainha da Fronteira. Registrando momentos do evento desde 2014, o *Cinejornal* já soma 12 anos de atuação.

O projeto de extensão institucional nasce da disciplina de Cinema e Projetos Experimentais em Telejornalismo, ministrada pelo professor Glauber Pereira, atual coordenador do curso. A proposta, vem da percepção do festival como um espaço de vivência da narrativa jornalística e audiovisual. Desde então, os alunos produzem diariamente edições em vídeo que documentam a programação das mostras competitivas, além de entrevistas e bastidores das atividades culturais do Festival.

O *Cinejornal*, tradicionalmente, é uma forma de filme curto documental exibido em salas de cinema e voltado à divulgação de notícias e acontecimentos de interesse público. Durante décadas, foi fonte de informação e entretenimento para milhões de espectadores, até ser substituído pela televisão na década de 1950.

Em 2026, surge a revista Nuestra Gente Nuestra Lente, com a proposta de ir além dos registros diários realizados pelo *Cinejornal*. A revista documenta do pré ao pós-festival, permitindo compreender processos, planejamentos e a dimensão do evento para os estudantes. Toda a produção é realizada pelos alunos da instituição, trazendo novamente a imersão do cotidiano para o ambiente acadêmico.

A cidade que se revela

Entre o impressionismo e o cinema, Bagé parece ganhar novas cores quando vista por quem vem de fora

Por Nicole Silva e Renata Meneses

Movimento artístico francês do século XIX que valorizava o instante, as manchas e a percepção do olho humano, o Impressionismo criava necessidade de darmos alguns passos para trás. E essas cores separadas se fundem no cérebro, criando a imagem final com luz e movimento. Com o Festival Internacional de Cinema da Fronteira, a cidade ganha mais luzes. Ora do flash de câmeras que acompanhava os artistas que participaram do evento, ora dos refletores que deixavam o Instituto de Belas Artes Cor-de-rosa em uma terça-feira, revelando uma cidade

mais bonita e colorida. É inegável que a população local precisa conhecer mais o evento. Mesmo assim, estiveram presentes representantes de 18 países, e

houve uma adesão de 3,2 mil inscrições de 120 países.

Isso nos revela que algo está sendo visto e nós não estamos enxergando.

Existe alguma ferramenta que nos faça ver a dimensão artística que nós possuímos? Seria uma lupa ao contrário? Ou, quem sabe, encontrar um segredo no instinto natural do ser humano de valorizar algo só quando vai embora ou vê algo sendo usado por outro alguém (escrito por duas mulheres que não são filhas únicas).



Coordenação: Glauber Pereira

Edição Geral: Érica Alvarenga, Márlon Posqui

Edição de Arte: Nicole Silva

Diagramação: Érica Alvarenga, Márlon Posqui, Nicole Silva

Reportagem: Augusto Testa, Érica Alavarenga, Fernanda Furtado, Maria Clara Ribeiro, Maria Eduarda Vidal, Maria Leonora Lehr, Mariana Freitas, Márlon Posqui, Maurício Aires, Micaely Simões, Nicole Silva, Silvio Oliveira, Renata Meneses, Tatiana Ollé

Pesquisa e Métricas: Márlon Posqui

Fotografia: Augusto Testa, Maria Clara Ribeiro, Micaely Simões, Renata Meneses, Tatiana Ollé

Revisão: Érica Alvarenga, Maria Leonora Lehr, Márlon Posqui, Nicole Silva



LINHA TEMPORAL

Por Mariana Freitas

Fotos: Reprodução CJ



27/04

Coquetel de Recepção

As atividades do 17º Festival Internacional de Cinema da Fronteira iniciaram na noite de segunda-feira na Casa de Cultura Pedro Wayne. Antes das 21 horas da noite o público já se reunia para as diversas apresentações culturais que a cerimônia de abertura trazia. Apresentações essas da Fábrica de Gaiteiros, em que alunos, crianças e adolescentes, tocam melodias tradicionalistas & apresentações de canto e dança da Centro do Idoso. A nossa equipe de alunos fez questão de trazer essa estética para a captação dos vídeos.



28/04

Sessões & Yanel

Na manhã de terça-feira a Casa de Cultura sediou algumas das primeiras atividades oficiais de Wip Lab, com os diretores das obras exibidas no festival e tutores.

Já na tarde, Cine 7 passa a entrar na programação, contando com duas sessões muito esperadas: Sapiran Brito e o Teatro em Bagé e Tambor Sem Fronteiras.

O encerramento da noite contou com a primeira homenagem a uma figura artística, um violonista de legado forte, Lúcio Yanel, que deu uma entrevista exclusiva aos acadêmicos.



29/04

Curtas & Longas

Um dia tomado por sessões das mostras competitivas de curtas e longas metragens.

Entre entrevistas com produtores, gravações revelam o fluxo do público no cinema, a presença das escolas, que proporcionam o consumo de filmes aos seus alunos, quanto a presença de público adulto, que mantém contato com o festival regularmente.

Pudemos também ver o processo artístico de uma das oficinas oferecidas pelo festival, pintura e suas teorias de cor e composição, realizada na Casa de Cultura Pedro Wayne.



30/04

Volver a los 17

Encontramos sessões competitivas lotando a sala de cinema mais uma vez.

No Palacete Pedro Osório, a noite é tomada por festa e uma programação inédita do festival. A exposição "Volver a los 17" trouxe à tona todas as edições anteriores do festival, juntamente com a coleção de itens cinematográficos de Domingos Sávio Robaina, acompanhados por música ao vivo e feiras no bosque.

Em experimentação, os estudantes de jornalismo procuraram reunir relatos de memórias do público sobre um momento marcante.



01/05

Especiais & Nei

Em meio de palestras e feiras, a Casa de Cultura Pedro Wayne teve grande movimentação na manhã de sexta-feira. Nossa equipe também garantiu entrevista exclusiva com a diretora e produtora do longa Darcy Fagundes, Meu Famoso Pai Desconhecido, uma sessão especial emocionante, tradicionalista e familiar.

Após as sessões do dia, a noite foi encerrada com mais um show aclamado pela cidade de Bagé, o cantor Nei Lisboa pode encantar com sua música mais uma vez, no Salão Nobre Carlos Gomes, do Imba.



02/05

Prêmios & Prêmios

No seu dia final, o festival preparou uma programação animada e uma grande cerimônia de encerramento. Durante a solenidade, podemos prestigiar a última edição do Cinejornal Especial junto do público. Juntamente de diversas homenagens que foram realizadas para Elvira Nascimento e Paulo Ricardo de Moraes.

Os prêmios da noite foram anunciados, envolvendo melhor longa, melhor curta metragem, melhor direção, atuação e 11 prêmios. O fim da noite contou com a apresentação do Sarau do Solar.

ANATOMIA DO CINEJORNAL

Subir as escadas, acompanhar um ritmo diferente de pessoas na cidade, observar todas as pessoas com um olhar minucioso nos detalhes. Começa uma sessão, porque não estávamos simplesmente para assistir filmes, mas para captar. O olhar diferente, a sensibilidade do que existe, do que está acontecendo, o ser e o estar, a escolha de sentar nas primeiras fileiras de poltronas, para ver de melhores ângulos, absorver mais informações, ouvir vozes que não são de Bagé, que não são do Brasil, entender o evento e cultivar pluralidade.

Filmes que não são assistidos passivamente, mas questionados. E os blocos de notas que se tornam perguntas para entrevistas.

O toque é uma forma de se expressar, de se comunicar, de mostrar que mesmo sendo alunos nós sabemos do que falamos e temos propriedade sobre os assuntos - uma forma de mostrar nossa relevância.

A anatomia do *Cinejornal* é como um organismo que tem diferentes partes, cada qual com sua função. Na produção geral não é diferente. Temos pessoas operando em cada área, fazendo com que cada "órgão" funcione, pois se um parar, o sentido se perde ou desregula.

Corre sangue nas nossas veias da mesma forma que circulamos no evento. Tudo pulsa.

Entender o ritmo dos acontecimentos que ocorrem simultaneamente em várias partes da cidade, o processo de captação de vídeo, entrevista e edição. Existia percurso, movimento e função. E troca, "principalmente troca", de informações, de experiências, de turnos que se encaixavam em rotinas, criando um fluxo para essa grande corrente "sanguínea".

Um organismo saudável depende de harmonia entre as funções. No festival, cada um tinha uma atribuição, um jeito de agir, uma maneira de pensar e de se organizar. Porque isso é personalidade e cada um tem a sua, como um organismo, não podemos colocar um pulmão no lugar de um coração. E não porque um seja melhor que o outro, mas porque cada um atua na sua finalidade. Cada parte é vital. Como no *Cinejornal* tínhamos várias cabeças pensando de tantas formas que só podia virar o que virou. Com criatividade, retiramos dos diversos indivíduos os plurais específicos: um grande resultado único.

Por Renata Meneses, Maria Clara Ribeiro e Nicole Silva



Foto:Glauber Pereira

ALMA

Tudo que não aparece nas câmeras

Por Renata Meneses, Maria Clara Ribeiro e Nicole Silva

O conceito clássico de alma na filosofia grega antiga, em especial com Aristóteles, define-a como o "sopro vital" ou a essência que anima e dá movimento aos seres vivos. Para um ser que precisa de motivação para realizar, portanto, viver, a alma pode ser definida como a essência de uma pessoa, formada por sua identidade, sentimentos, pensamentos e valores.

Da mesma forma que a imagem precisa de movimento para se tornar cinema, o *CineJornal* possui uma identidade própria, construída a partir das características, perspectivas e contribuições de cada integrante da equipe. Então, havia algo invisível sustentando toda a experiência. Uma energia construída pela convivência, pela escuta e pela troca constante entre pessoas que, embora ocupassem funções diferentes, compartilhavam o mesmo propósito.

A energia do *CineJornal* não estava apenas na movimentação das equipes, mas na intensidade com que cada momento era vivido.

Havia pressa nos corredores, vozes atravessando espaços, câmeras sendo ligadas às pressas e olhares atentos tentando captar aquilo que, por vezes, passava despercebido.

Mais do que registrar um festival, aprendemos a compartilhar experiências. Cada encontro trazia uma nova perspectiva, cada conversa ampliava repertórios e cada troca deixava marcas que permaneceram para além das imagens gravadas.

Talvez a alma do *CineJornal* estivesse justamente aí: na capacidade de transformar indivíduos em coletivo. De fazer com que diferentes vozes, sensibilidades e formas de olhar o mundo encontrassem um ponto em comum.

Porque algumas das partes mais importantes dessa experiência nunca apareceram na tela. Ainda assim, foram elas que deram sentido a tudo o que foi registrado.

Quando o cinema en Quando o jornalismo

Por Augusto Salim Testa, Maria Eduarda Meira Vidal e M



Fernanda Furtado

Ver Bagé recebendo artistas e profissionais de diferentes lugares reforçou para mim a importância da cultura como ferramenta de transformação e valorização da identidade regional. O contato com diversas produções cinematográficas ampliou meu olhar sobre o cinema, a comunicação e o papel do jornalista na sociedade. Além disso, acompanhar conteúdos enriquecedores proporcionou aprendizados valiosos e reflexões sobre questões sociais, culturais e humanas.



Maria Clara Ribeiro

O festival foi uma experiência muito especial e gratificante para mim. Acompanhar tudo de perto, conversar com diretores, observar os bastidores e conhecer pessoas incríveis tornou a experiência ainda mais enriquecedora. Durante o evento, aprendi muito sobre entrevistas, audiovisual e trabalho em equipe, assim como uma oportunidade de desenvolver um olhar mais atento sobre tudo o que acontecia ao redor, diferentes perspectivas e a importância da comunicação.

Participar do Cinejornal durante o Cinema da Fronteira foi uma experiência acadêmica quanto pessoal. Durante o festival, foi possível vivenciar na prática a rotina de um jornalista, enfrentando desafios reais de produção, pauta e trabalho em equipe. A experiência foi aprendida em sala de aula para atuar no mercado profissional, com prazos curtos, necessidade de contato com diferentes públicos e pr

O festival também proporcionou um contato acadêmico e cultural. O contato com diretores, produtores e diferentes lugares ampliou a visão sobre a importância da cultura na fronteira. A cobertura realizada ajudou a desenvolver a responsabilidade e criatividade, além de atuar na área jornalística. Trabalhar em equipe mostrou a importância da colaboração e que todas as produções fossem realizadas.

Mais do que uma atividade acadêmica, o festival representou uma oportunidade pessoal. A experiência deixou aprendizados, mostrando a importância do jornalismo na cultura e aproximação entre pessoas.

Já que a revista também é produzida, vamos colocarmos suas experiências aqui e refletir sobre a realidade tudo aquilo que vivenciaramos.

Encontra o jornalismo e encontra o cinema

Caely Simões Madeira

nte o 17º Festival Internacional de
riência marcante tanto no aspecto
nte os seis dias de cobertura, foi
do jornalismo cultural e audiovisual,
dução, entrevistas, organização de
xperiência permitiu partir da teoria
tuar diretamente em um ambiente
necessidade de adaptação constante e
roduções cinematográficas.

ou um grande aprendizado humano
atores, produtores e estudantes de
são sobre o cinema e sobre a
eira. Cada entrevista, gravação e
volver habilidades de comunicação,
m de fortalecer a confiança para
nar em equipe durante o evento
ção e da dedicação coletiva para que
as com qualidade.

adêmica, participar do *CineJornal* no
dade de crescimento profissional e
ndizados que vão além da técnica,
lismo como ferramenta de registro
as, histórias e diferentes realidades.

uzida pelos alunos, nada mais justo
i, dando voz e transformando em
m durante este período.



Maria Leonora Lehr

A atividade foi muito diferente do que estou acostumada. Apesar de já ter contato com o audiovisual, por ser estudante e estagiária de jornalismo, pude entender melhor como funciona a rotina de uma produção diária. Um momento marcante foi perceber de forma mais profunda o impacto do Festival na vida das pessoas, alcançando a comunidade local, regional e até mundial. Tenho certeza de que essa experiência foi fundamental para minha formação profissional.



Márton Posqui

A experiência de produzir o *CineJornal* reforçou minha certeza de que escolhi o curso certo. Foi uma semana de muito aprendizado e desafios, na qual pude vivenciar na prática o jornalismo audiovisual, desenvolvendo habilidades em captação de imagens, entrevistas e edição. O contato com profissionais do audiovisual ampliou minha visão sobre a área e proporcionou novos conhecimentos. Ver o resultado final sendo exibido ao público tornou tudo ainda mais gratificante e especial.

Linguagens além do tradicional: o *CineJornal* como um arquivo histórico e cultural

Por Fernanda Furtado e Silvinho Oliveira

No *CineJornal* da Urcamp de 2026, as linguagens trabalhadas foram muito além do jornalismo tradicional. O projeto utilizou uma proposta híbrida e experimental, misturando comunicação, cinema, arte e memória cultural para construir uma narrativa mais humana e sensível sobre o Festival Internacional de Cinema da Fronteira. Uma das linguagens mais fortes deste ano foi o audiovisual cinematográfico. Diferente de uma cobertura convencional, os estudantes trabalharam com enquadramentos artísticos, planos abertos e detalhes como iluminação natural captação de ambiente, trilhas sonoras, montagem emocional e ritmo narrativo. Isso aproximou o *CineJornal* da estética de um curta-metragem documental.

Outra referência muito presente foi a linguagem jornalística interpretativa. Ao invés de apenas informar horários ou registrar acontecimentos, os alunos buscaram interpretar o significado cultural do festival para Bagé e para a fronteira. As entrevistas e imagens tinham um olhar mais reflexivo e sensível, valorizando experiências humanas, diversidade cultural, bastidores, emoções do público e dos realizadores.

Essa abordagem aproxima o *CineJornal* do chamado jornalismo cultural, que não apenas relata fatos, mas contextualiza e analisa manifestações artísticas, o que faz uma ligação direta com os conteúdos de gêneros e estilos de textos jornalísticos.

Também houve forte presença da linguagem documental. Os alunos atuaram como observadores do cotidiano do festival, registrando movimentação do público, preparação das mostras, interação

entre artistas e comunidade, bastidores das exposições e falas espontâneas.

Essa linguagem transforma o *Cinejornal* em um arquivo histórico e cultural da cidade, preservando memórias do evento e da produção audiovisual da região. A edição de 2026 também trouxe uma produção mais jovem e autoral. Isso deu ao conteúdo maior espontaneidade, identidade estudantil, linguagem mais contemporânea e aproximação com o público jovem. Essa liberdade autoral revela características comuns da comunicação digital atual, como cortes mais dinâmicos, narrativa emocional e uma estética próxima das redes sociais e do cinema independente.

A linguagem cultural e identitária também foi muito trabalhada. O festival possui forte conexão com a identidade da fronteira e com o audiovisual latino-americano. Assim, o *CineJornal* valorizou: sotaques regionais, cultura do Pampa, integração Brasil-Uruguai, diversidade de narrativas, representatividade feminina e latino-americana - o que, por sinal, é também a característica base das

curadorias do evento.

Em uma análise mais aprofundada, pode-se dizer que o *CineJornal* da Urcamp trabalhou cinco grandes linguagens ao mesmo tempo. Uma foi informativa, através da transmissão dos acontecimentos do festival. Como audiovisual e cinematográfica entendemos a abordagem estética, artística e a narrativa visual. O aspecto documental fica por conta dos registros históricos e culturais feitos na exata ou “exagerada” medida em que os fatos iam acontecendo. Entendemos por interpretativa a proposta da análise e reflexão sobre o evento que ele ia se desenrolando de forma ao mesmo tempo convencional, digital e multimídia, utilizando a integração entre vídeo, rádio, fotografia e redes sociais - isso para ir além da tela de cinema onde o *CineJornal* foi exibido diariamente, antes das mostras competitivas.

Essa combinação mostra como o jornalismo atual está cada vez mais conectado ao audiovisual, à narrativa sensível e à comunicação multiplataforma.



A importância da cultura e a preservação da história

Por Maria Eduarda Meira Vidal

O *CineJornal* registrou durante o Festival Internacional de Cinema da Fronteira entrevistas marcantes realizadas pelos alunos do curso de jornalismo da Urcamp. Entre os momentos de destaque estão as conversas com o colecionador Domingos Sávio Robaina e com os músicos Lucio Yanel e Nei Lisboa, que abordaram temas como a preservação da memória, a importância da cultura e o papel da arte na sociedade.



Lucio Yanel



Sávio Robaina



Nei Lisboa

Ao comentar sobre o Festival Internacional de Cinema da Fronteira, o músico argentino Lucio Yanel destacou a importância de existir um festival de cinema em uma cidade como Bagé. Segundo Yanel, eventos culturais ajudam a aproximar o público da arte e fortalecem a cultura local, além de criarem espaços de encontro entre artistas e comunidade.

O artista também falou sobre a felicidade de participar da programação do festival ao lado de outros músicos e professores convidados. Durante a entrevista, ele destacou que os profissionais da arte são trabalhadores da cultura e que todos possuem um papel importante na valorização da música, do cinema e das manifestações culturais.

Além disso, o entrevistado comentou sobre o carinho que possui por Bagé, afirmando que já esteve outras vezes na cidade e que sempre guarda boas lembranças do público e da recepção recebida durante os eventos culturais realizados na Rainha da Fronteira.

Durante a conversa, Yanel também ressaltou a importância de reconhecer o trabalho realizado pelos artistas e profissionais envolvidos na cultura. Segundo ele, ninguém faz arte sozinho e todos contribuem de alguma forma para manter a cultura viva e acessível para a população.

A entrevista com o colecionador Domingos Sávio Robaina se destacou pela valorização da memória cultural e pela dedicação à preservação da história do cinema em Bagé. Durante a conversa, ele ressaltou a importância de manter viva a trajetória dos antigos cinemas da cidade e de compartilhar esse patrimônio com a comunidade.

Durante a entrevista, Robaina apresentou sua coleção de objetos ligados ao universo cinematográfico. Entre os itens mostrados estavam equipamentos de projeção, miniaturas e materiais históricos que ajudam a contar a história dos cinemas bageenses.

O colecionador também lembrou espaços e personagens importantes para a história do cinema local, destacando como os cinemas fizeram parte da vida cultural da comunidade ao longo dos anos. Segundo ele, preservar esses objetos é uma forma de manter viva a memória da cidade.

Além de apresentar o acervo, Domingos Sávio Robaina destacou a importância de valorizar a história local e reconhecer o cinema como parte da identidade cultural de Bagé. A entrevista chamou atenção pela riqueza das informações compartilhadas e pelo empenho dedicado à preservação da cultura cinematográfica da Fronteira.

Ao comentar sobre a música Volver a los 17, o cantor Nei Lisboa relacionou a canção com a proposta do festival, destacando a importância da renovação e da abertura para diferentes manifestações artísticas. Durante a entrevista, ele também lembrou sua trajetória nos movimentos culturais e estudantis, ressaltando o papel da arte como forma de expressão.

Natural de Caxias do Sul, Nei Lisboa construiu sua carreira a partir de uma visão urbana da cultura gaúcha. Desde o lançamento de seu primeiro álbum, Para Viajar no Cosmos Não Precisa de Gasolina, o músico desenvolveu uma trajetória marcada pela produção autoral e pela participação em projetos ligados à música e ao audiovisual.

A entrevista chamou atenção pela forma simples e reflexiva com que abordou temas relacionados à cultura, à juventude e à liberdade, reforçando a importância da participação ativa na sociedade.

Nei também falou sobre o processo de composição e sobre a necessidade de manter a autenticidade na produção artística. Segundo ele, a arte deve ser um espaço de liberdade criativa, capaz de provocar emoções, estimular reflexões e criar conexões entre pessoas de diferentes gerações e realidades.

Além da tela: quando a arte ressignifica a cidade e aproxima a comunidade

Por Érica Alvarenga

O Festival Internacional de Cinema da Fronteira vai muito além das salas de exibição. A cada edição, Bagé passa por um processo de redescoberta coletiva, onde arte, patrimônio e comunidade se encontram. Espaços históricos da cidade, como a Casa de Cultura Pedro Wayne e o Instituto Municipal de Belas Artes (Imba), deixam de ser apenas prédios simbólicos da memória bajeense para se transformarem em ambientes vivos, ocupados pela cultura, pelo debate e pela circulação de pessoas. Quando o cinema ocupa esses espaços, o olhar da própria comunidade sobre o patrimônio muda. O que antes podia passar despercebido na rotina diária ganha novos significados através da arte.

Existe também um importante movimento de democratização desses espaços. Muitas pessoas da própria cidade nunca haviam entrado em alguns desses prédios históricos e encontram no festival uma oportunidade gratuita de conhecer, ocupar e criar vínculo com esse patrimônio. Ao mesmo tempo, visitantes de outras cidades e países passam a enxergar Bagé através de sua arquitetura, de sua história e de sua identidade cultural. O festival transforma a cidade em cenário e protagonista, aproximando a população de sua própria memória e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Nesse contexto, o *CineJornal* desempenha um papel fundamental ao ampliar o alcance do festival para além dos espaços

físicos. Através das redes sociais e das produções audiovisuais desenvolvidas pelos estudantes de Jornalismo da Urcamp, o evento ganha novas telas e novas formas de conexão com o público. O *CineJornal* democratiza o acesso às experiências do festival ao registrar debates, entrevistas, bastidores e emoções que circulam digitalmente e alcançam pessoas que muitas vezes não conseguem acompanhar presencialmente. Mais do que divulgar a programação, as produções ajudam a construir memória, aproximam diferentes públicos do cinema e reforçam a importância da cultura como ferramenta de acesso, pertencimento e transformação social.



Foto: Anderson Coka

CineJornal

métricas que contam a nossa história

Por Márton Posqui

5 episódios
17 alunos

+16 mil views
+40 entrevistas

+30min de
conteúdo

Durante seis dias de festival, câmeras circularam entre salas de exibição, entrevistas registraram histórias e estudantes transformaram bastidores em experimentalismo universitário. O resultado desse trabalho pode ser medido em números: cinco episódios produzidos, mais de 40 entrevistas realizadas, 17 acadêmicos envolvidos e mais de 16 mil visualizações acumuladas nas redes sociais.

Os dados da edição 2026 do *CineJornal* do Festival Internacional de Cinema da Fronteira (projeto Urcamp Documenta) revelam como a iniciativa ajudou a preservar a memória da sua 17ª edição, criando um importante arquivo audiovisual do evento e consolidando uma experiência de formação profissional para futuros jornalistas.

Produzido durante os dias do festival pelos estudantes do curso de Jornalismo, o *CineJornal* acompanhou bastidores, projeções, debates, oficinas e encontros promovidos pelo evento. O material resultou em cinco episódios que foram exibidos antes

das mostras competitivas na telona do Cine7. Quando a luz apagava, o trabalho dos alunos era a primeira produção analisada por mais de 340 espectadores a cada sessão, incluindo diretores, atores e público com olhar crítico, resultando em uma audiência composta por mais de 6 mil cinéfilos.

Da telona para a telinha

Além das sessões, os materiais foram publicados nas plataformas digitais, aproximando o público da rotina de um dos principais festivais de cinema do sul do Brasil. Os números ajudam a dimensionar esse alcance. Juntos, os cinco episódios superaram a marca de 16 mil visualizações no Instagram, alcançando uma média superior a 3,2 mil visualizações por vídeo. Com pouco mais de 30 minutos de duração total, o conteúdo registrou cerca de 533 visualizações para cada minuto produzido, demonstrando o interesse do público pelas narrativas construídas ao longo do festival.

A repercussão também foi registrada nas plataformas de informação. Duas reportagens publicadas pelo

Jornal Minuano sobre o *CineJornal* contabilizaram 1.567 leituras, que ampliam a visibilidade do projeto para além das redes sociais.

Tanto quanto os resultados de audiência, os dados também evidenciam o caráter pedagógico da iniciativa. Ao longo da cobertura, os acadêmicos participaram de todas as etapas da produção jornalística audiovisual. Entre entrevistas, captação de imagens, elaboração de pautas, redação de textos e edição dos materiais, os estudantes vivenciaram na prática a rotina profissional de uma redação multimídia.

As mais de 40 entrevistas realizadas durante o festival reuniram diferentes personagens do universo cinematográfico, incluindo diretores, atores, produtores, organizadores, jurados e participantes do evento. Cada conversa ajudou a construir um panorama das produções exibidas e das discussões promovidas ao longo da programação.

Eterno jornal

*Por Tatiana Ollé
e Maurício Aires*

Desde 2014, o *CineJornal* vem construindo um legado que ultrapassa as telas e se consolida como parte da identidade do festival e da formação acadêmica dos estudantes de Jornalismo da URCAMP. Ao longo dos anos, o projeto se transformou em um espaço de aprendizado e valorização da cultura, permitindo que diferentes gerações de acadêmicos desenvolvam experiências reais de produção audiovisual e cobertura jornalística.

Pensar no futuro do *Cinejornal* é reconhecer a força de um projeto que segue se renovando a cada edição, acompanhando as transformações da comunicação e formando novos profissionais comprometidos com a informação e a memória. O legado do *Cinejornal* não está apenas nos vídeos produzidos, mas também nas pessoas formadas, nas histórias registradas e na continuidade construída pelas novas turmas que

assumem o desafio de manter viva essa trajetória iniciada há mais de uma década.

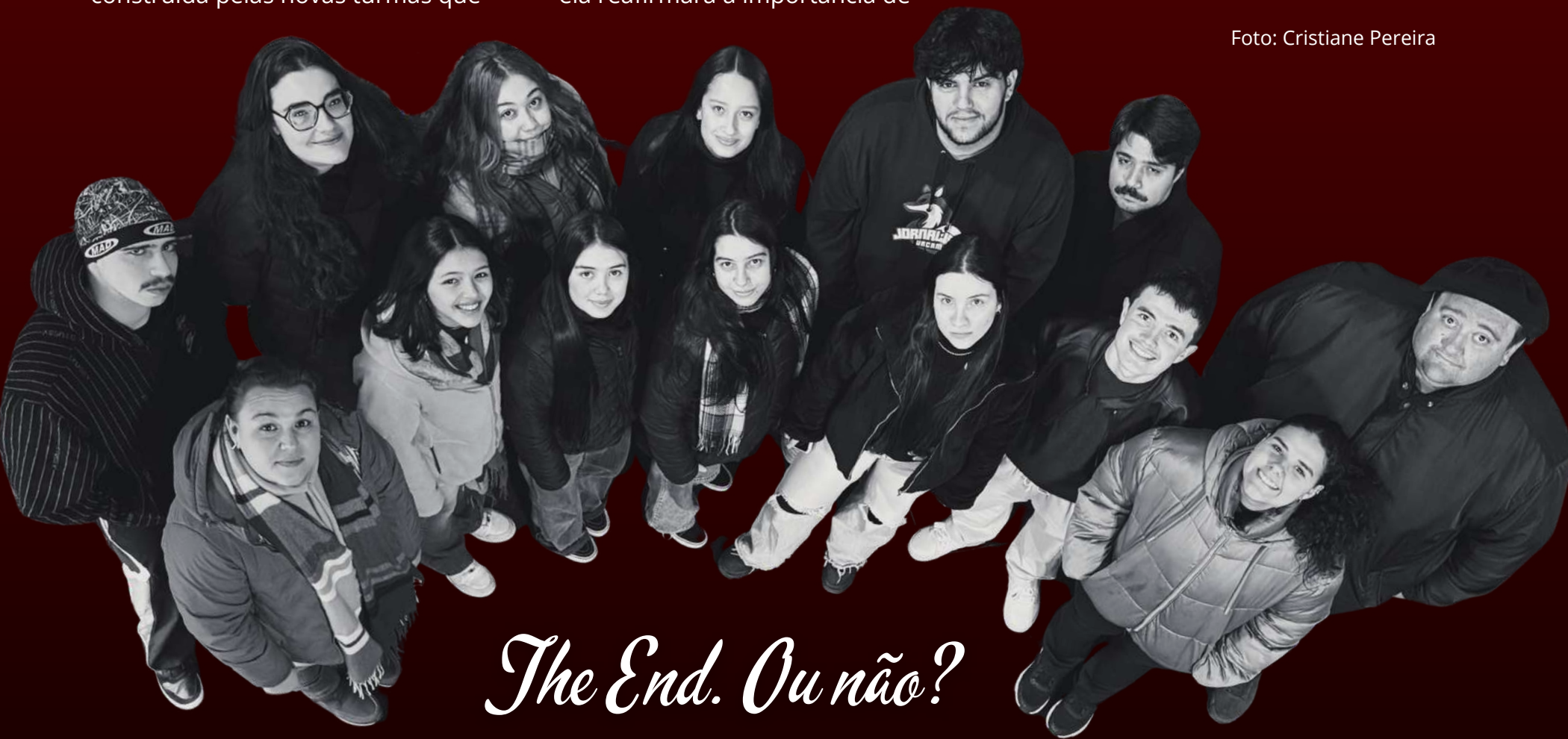
Para Friedrich Nietzsche, o futuro influencia o presente tanto quanto o passado. A revista do *CineJornal* simboliza essa ideia ao unir renovação e continuidade em uma mesma construção. Ao revisitar sua própria trajetória, o projeto demonstra que inovação e legado caminham juntos, fazendo de cada edição uma ponte entre as experiências já vividas e as possibilidades que ainda serão construídas. As próximas edições carregarão consigo a experiência acumulada ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que abrirão espaço para novas linguagens e olhares sobre a cultura e o jornalismo. A revista do *Cinejornal* surge, assim, como um símbolo desse movimento contínuo entre passado e futuro.

Mais do que registrar momentos, ela reafirmará a importância de

preservar histórias e valorizar quem ajudou a construir o projeto, inspirando os estudantes que darão continuidade a esse legado nos próximos anos. Em um cenário de constantes transformações na comunicação, o *Cinejornal* permanecerá relevante justamente por sua capacidade de se reinventar sem perder sua essência: formar profissionais críticos e criativos, comprometidos com a produção de conteúdo que dialogue com a comunidade e contribua para a preservação da memória cultural.

O futuro do *Cinejornal* não será apenas uma continuidade do que já foi feito, mas a construção permanente de novas possibilidades. Um projeto que nasceu em 2014, atravessou diferentes gerações e seguirá mostrando que o verdadeiro legado está na capacidade de transformar aprendizado em experiência e memória em registro.

Foto: Cristiane Pereira



Diferente dos convencionais finais dos filmes, esta obra de autoavaliação produzida sob nossa coordenação e sob a monitoria de audiovisual do professor Jeferson Vainer, não termina quando acaba. A revista com a qual brindamos nossos leitores é o resultado de um projeto de extensão que permite mais do que a simulação de práticas jornalísticas. A experiência oportuniza ampliar a visão de mundo, tirar o foco da telinha dos celulares para imaginar a realidade a partir da grande tela do cinema - mas sempre pensando em um produto jornalístico.

Este trabalho é resultado da ótica dos acadêmicos,

Por Glauber Pereira Coordenador do Projeto

analisa as iniciativas de um projeto que, desde 2014, mantém cinejornais diários para divulgar os bastidores do Festival Internacional de Cinema da Fronteira. Uma extensão que ampliou-se para a produção de uma revista encartada no Jornal Minuano, um programa de rádio sobre o evento e uma grande cobertura subsidiária para as redes sociais do festival e da própria Urcamp.

Como autoavaliação das disciplinas de Planejamento Gráfico e de Técnica de Redação para texto noticioso, o exercício da autoavaliação sugere que estas ações estão, na realidade, apenas iniciando.